

Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS

(Questions about compounds and morphology in LIBRAS)

Aline Garcia Rodero Takahira¹

¹Universidade de São Paulo (USP)

alinegr@usp.br

Abstract: In this paper, we discuss the morphosyntactic treatment of compounds in Brazilian Sign Language (LIBRAS), as the ones presented in Figueiredo Silva & Sell (2009) and Felipe (2006). Based on the literature about compounds in American (ASL) and Brazilian sign languages, we will raise some questions about the treatment given to compounds in LIBRAS. Yet, we observe that there are few papers and books about morphology of LIBRAS and, starting by the discussion about compounds, we raise some questions about morphological aspects that are not really clear or are not detailed in this language.

Keywords: morphology; compounds; LIBRAS; sign languages.

Resumo: Neste trabalho, discutimos o tratamento morfossintático dos compostos da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), como os apresentados em Figueiredo Silva e Sell (2009) e Felipe (2006). Com base na literatura sobre compostos nas línguas de sinais americana (ASL) e brasileira, levantamos algumas questões quanto ao tratamento dado aos compostos na LIBRAS. Ainda, observamos que é escassa a literatura sobre morfologia de LIBRAS e, a partir da discussão sobre os compostos, levantamos algumas questões sobre aspectos morfológicos ainda não muito claros ou não muito estudados nessa língua.

Palavras-chave: morfologia; compostos; LIBRAS; línguas de sinais.

Introdução

Este trabalho visa a examinar os tipos de compostos produtivos na Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS), uma língua até agora não muito estudada principalmente quanto aos seus aspectos morfossintáticos. Assim, nossa questão inicial é:

1 - Quais tipos de compostos a LIBRAS admite?

Buscamos responder essa pergunta com base na literatura sobre composição na LIBRAS, principalmente com base em Figueiredo Silva e Sell (2009). Essas autoras discutem inicialmente os tipos de compostos produtivos em português, como em (01):

(01)	Exemplos	classe das bases	classe do produto
	(a) salário-família	N+N	N
	(b) bóia-fria, bunda-mole	N+A	N ou A
	(c) tira-manchas, estraga-prazer	V+N	N ou A

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 10)

Pensando nesse tipo de discussão sobre a formação dos compostos observando a classe das bases que os compõem e a classe do produto final, chamamos atenção para o seguinte problema observado na LIBRAS: quanto à distinção das classes de palavras, nomes

e verbos muitas vezes são iguais, como, por exemplo: CARRO/DIRIGIR-CARRO; CADEIRA/SENTAR; e TELEFONE/TELEFONAR.¹ Figueiredo Silva e Sell (2009) afirmam que “na maioria dos casos não há como decidir, apenas com base na morfologia, se um sinal pertence à classe gramatical dos verbos ou dos substantivos ou ainda se não pertence *a priori* a classe nenhuma”.²

A Gramática Tradicional, para as línguas orais, divide composição em composição por justaposição e composição por aglutinação. Assim:

- ii) Justaposição – os constituintes não são modificados na formação composta, não altera sua integridade fônica, como em *guarda-roupa* e *passatempo*;
- iii) Aglutinação – há supressão dos fonemas de um dos elementos do composto ou perda de tonicidade (uma sílaba tônica passa a átona), como em *aguardente* (água + ardente) e *pontiagudo* (ponta + agudo).

Para considerarmos esses processos na LIBRAS, é necessário refletirmos o que equivaleria à “integridade fônica” e o que seriam os fonemas nas línguas de sinais. O que forma um sinal na LIBRAS ou em outras línguas de sinais de forma mais geral? Em outras palavras, se decompusermos um sinal, quais são as partes menores, destituídas de significado que encontraremos? Stokoe (1960) é o primeiro pesquisador a analisar uma língua de sinais, olhando para a comunicação no que veio a ser chamado de Língua de Sinais Americana (ASL; do inglês, *American Sign Languages*). Ele descreve as unidades mínimas da ASL como quiremas ou queremas, que vem do grego, *khéir*, “mãos”. Mais tarde, essa terminologia é deixada de lado e o termo fonema é usado mesmo quando se tratando de línguas de sinais. Esse autor aponta três tipos de fonemas: configuração de mãos (o formato que a mão toma), locação (ou ponto de articulação, localização em relação ao corpo do sinalizador/falante) e movimento. Outros estudos que seguiram consideraram também: direcionalidade (ou orientação da palma da mão) e expressões não manuais (ou expressões faciais e corporais), como tipos de fonemas nas línguas de sinais. Esses compõem os cinco parâmetros da LIBRAS, ou seja, cinco tipos de fonemas, cinco grupos de partes menores, destituídas de significado por si só que, juntas, formam um sinal com significado.³

Assim, uma hipótese que se levanta é que podemos pensar que um processo de justaposição na língua de sinais seria um caso no qual os dois sinais que formam o composto

1 O sistema de transcrição de sinais usado neste trabalho utiliza palavras da língua portuguesa em letras maiúsculas para indicar os sinais; hífen para indicar quando mais de uma palavra do português é usada para descrever um único sinal; ^ para indicar sinais compostos; e, @ no lugar da flexão de gênero para mostrar a ausência dessa marca morfológica na LIBRAS. Esse sistema é o mesmo usado em Figueiredo Silva e Sell (2009) e Quadros e Karnopp (2004), entre outros. Por uma questão de espaço, não colocamos aqui as fotos ou ilustrações dos sinais, nem a forma em LIBRAS escrita (do inglês, *SignWriting*). As ilustrações e a escrita de sinais podem ser verificadas no dicionário de LIBRAS (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001). Para mais informações sobre sistemas de transcrição, veja também McCleary e Viotti (2007).

2 Veja Supalla e Newport (1978), para uma discussão com dados da ASL, e Quadros e Karnopp (2004, p. 96-101) e Felipe (2006, p. 204-206), para uma discussão na LIBRAS acerca de pares verbo/substantivo que apresentam a mesma forma.

3 Veja também Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979), e Lidell e Johnson (1986) para a fonologia da ASL, e Brito (2010 [1995]), Quadros e Karnopp (2004), e Xavier (2006), para a fonologia da LIBRAS.

são realizados em sua totalidade, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Já em um processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seria modificado ou não seria realizado. Precisamos verificar se esses processos são produtivos na LIBRAS. Aqui, uma segunda questão se coloca:

2 - Como se dá a formação dos compostos na LIBRAS?

Buscamos responder essa pergunta com base na literatura sobre composição nas línguas de sinais principalmente como em Klima e Bellugi (1979), Liddell (1984) e Del Giudice (2007), para a ASL, e Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006) e Figueiredo Silva e Sell (2009), para a LIBRAS.

Ainda, na literatura de compostos no português brasileiro (PB), observa-se que os nomes compostos mostram uma série de peculiaridades, já relatadas em vários trabalhos,⁴ entre elas: i) podem carregar dois acentos; ii) podem ter flexões entre os elementos que o constituem; iii) os compostos, diferentemente dos vocábulos derivados, caracterizam-se somente como categorias lexicais [+N]: N, A, Adv, *V, *P; iv) e permitem a formação do diminutivo através do acréscimo de sufixo entre constituintes; e v) podem flexionar mais de uma vez.

Considerando essas peculiaridades, outros pontos que ressaltamos para a análise dos compostos na LIBRAS têm relação com o que é, de fato, um morfema na LIBRAS? E um sufixo? Há flexão na LIBRAS? De que tipo? Brito (2010 [1995]), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), entre outros, passam por questões desse tipo, mas mostraremos no decorrer deste trabalho que alguns pontos ainda não são muito claros. Assim, pretendemos examinar o que está disponível na literatura sobre morfologia de línguas de sinais, mais especificamente, morfologia da LIBRAS, para responder uma terceira questão que se coloca:

3 - O que é um morfema na LIBRAS?

Seguindo os pontos apresentados e as questões levantadas até aqui, vale lembrar que a LIBRAS é uma língua de uma modalidade diferente das línguas orais, sendo essas já bastante estudadas enquanto seus processos de composição. Ou seja, a LIBRAS, e as línguas de sinais de forma mais geral, são línguas visuo-espaciais, “pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (QUADROS; KARNOPP, 2004). Assim, no decorrer deste artigo, procuramos olhar para o que a literatura de línguas visuo-espaciais explica sobre os compostos e a morfologia, contrapondo com alguns pontos para esses estudos nas línguas orais. Discutimos a literatura da LIBRAS e da ASL, pois a segunda é uma língua de sinais mais estudada, desde Stokoe (1960), enquanto que a primeira só passa a ser mais estudada enquanto seus aspectos linguísticos a partir do fim da década de 80.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é levantar algumas questões sobre composição e morfologia na LIBRAS, ainda não muito claras, e apontar caminhos de pesquisas que poderão levar às respostas para as questões mais pontuais e os questionamentos mais gerais colocados até aqui e no decorrer deste artigo.

⁴ Veja Lee (1997) e Basílio (2000), em uma visão lexicalista, e Minussi (2009, 2011), para uma análise não-lexicalista dos compostos no hebraico e no PB dentro do modelo teórico da Morfologia Distribuída.

Para tanto, este trabalho se divide da seguinte forma: na seção “Compostos na LIBRAS”, discutimos as possíveis formações de compostos na LIBRAS por meio do trabalho de Figueiredo Silva e Sell (2009); na seção “Felipe (2006) – processos de composição”, trazemos uma análise das formações dos compostos na LIBRAS apresentada por Felipe (2006) e discutimos alguns pontos dessa análise; na seção “Compostos nas línguas de sinais – análises da ASL”, trazemos duas análises sobre compostos na ASL, Klima e Bellugi (1979) e Lidell (1984); na seção “Morfologia”, discutimos alguns trabalhos sobre morfologia na LIBRAS, Brito (2010 [1995]), Quadros e Karnopp (2004), e Felipe (2006); e, na última seção, encontram-se as considerações e instigações para pesquisa futura.

Compostos na LIBRAS

Nesta seção, apresentamos algumas considerações encontradas na literatura sobre os compostos da LIBRAS. Para tanto, discutimos as possibilidades de formação de compostos como apresentado em Figueiredo Silva e Sell (2009), com o intuito de respondermos à primeira questão colocada acima neste trabalho: 1- Quais tipos de compostos a LIBRAS admite? Essas autoras fazem a seguinte descrição dos tipos de compostos na LIBRAS:

- (02) a. HOMEM^CRIANÇA / MULHER^CRIANÇA [menino ou menina]
b. BEBÊ^HOMEM / BEBÊ^MULHER [bebê – menino ou menina]
c. TI@^HOMEM / TI@^MULHER [tio / tia]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 17-18)

Os exemplos acima são chamados de “compostos aparentes”, pois o fato de a ordem ser variável depõe contra a hipótese da composição, onde a ordem dos elementos componentes é invariável. Cada sinal pode ocorrer isoladamente.

- (03) a. MAÇÃ^DIVERSO [frutas]
b. LEÃO^DIVERSO [animais]
c. ROUPA^DIVERSO [vestuário]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 19)

Nos exemplos em (03), é usado:

[...] o sinal de um elemento prototípico do grupo que se deseja classificar (para frutas, por exemplo, o sinal relativo a maçã) e acrescenta-se a ele um morfema (preso?) que parece ser parte do sinal COISA (ou COISAS^DIVERSAS). A hipótese de que se trata de parte do sinal COISA vem do fato de que este sinal é realizado com as duas mãos e com movimento duplo. No caso dos exemplos de quantificação genérica acima, apenas uma mão é usada, com a mesma configuração de mão do sinal COISA e com movimento simples, não o movimento duplo original, mas compartilhando com o sinal completo os mesmos traços semânticos. (FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 19)

Alguns pontos precisam ser destacados aqui. Apesar de as autoras usarem o termo “morfema (preso?)” no trecho acima, elas não delimitam ou explicam o que seriam os morfemas na LIBRAS. Ainda, apontam que não é claro que esses sejam casos efetivamente de composição, porque não há a justaposição de dois sinais independentes e dizem que “é possível que estejamos frente a uma espécie de composição por aglutinação na língua,

dado o que se sabe sobre a existência de processos fonológicos atuantes em compostos nas línguas de sinais em geral”. Se se trata de um processo de composição por aglutinação, a questão que se coloca é: que fonema, ou seja, qual dos parâmetros foi suprimido de qual ou quais elementos desses compostos? As autoras não exploram essa questão, porém nossa discussão seguirá nesse sentido nas seções 3 e 4, onde procuraremos complementar a resposta da primeira questão e responder à segunda questão colocada neste trabalho:

4 - Como se dá a formação dos compostos na LIBRAS?

Ainda, os exemplos em (04) são casos os quais as autoras chamam de compostos verdadeiros:

- (04) a. HOMEM^VIGIA [vigia]
b. HOMEM^RURAL [agricultor]
c. MULHER^COSTURA [costureira]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 21)

Nesses a ordem é fixa (*VIGIA^HOMEM ou *RURAL^HOMEM) e o sinal HOMEM (ou MULHER) é obrigatório em geral.

Em (05), elas mostram um caso de composição bastante produtiva na LIBRAS:

- (05) a. CASA^ESTUDO [escola]
b. CASA^CRUZ [igreja]
c. CASA^ANTIG@ [museu]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 22)

Trata-se da justaposição de sinais – formação de sinais que designam lugares/locais, gerados a partir da matriz lexical [CASA + N]. Observa-se a ordem fixa e a obrigatoriedade dos dois sinais, que neste caso também existem como formas independentes na língua. Quanto à incerteza sobre a classe gramatical dos sinais em LIBRAS, as autoras usam um critério semântico para determinar o núcleo dos compostos em (05), ou seja, todos eles se referem a um lugar/local, assim o núcleo desse tipo de compostos está à esquerda.

Também é possível formar compostos para lugares/locais com outras combinações de sinais sem lançar mão da forma básica [CASA + N]:

- (06) a. MORTE^CRUZ [cemitério]
b. CONSERTO^CARRO [oficina mecânica]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 22)

Esses compostos apresentam ordem fixa e obrigatoriedade de ambos os sinais.

Além disso, há um grupo de palavras formado pela combinação de mais de dois sinais na LIBRAS que utiliza a forma [CASA + N + N] para expressar lugares/locais:

- (07) a. CASA^VENDA^PAPEL [papeleria]
b. CASA^GRUPO^VELHO [asilo]
c. CASA^CRIANÇA^ADOTA [orfanato]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 24)

Nesses casos a ordenação dos sinais também é fixa e há a obrigatoriedade de todos os sinais, ou seja: * PAPEL^CASA^VENDA, ou * CASA BONITA^VENDA^PAPEL.

Na sequência, discutimos uma análise dos compostos trazida em Felipe (2006) para a LIBRAS, duas análises sobre compostos na ASL, Lidell (1984) e Klima e Bellugi (1979), e consideramos os exemplos que Figueiredo Silva e Sell (2009) chamam de compostos verdadeiros, aqueles que se dão por justaposição, como vimos nos exemplos de (04) a (07), e também aqueles que elas chamam como possíveis casos de composição por aglutinação, como vimos em (03).

Felipe (2006) – processos de composição

Felipe (2006) discute que na LIBRAS os processos de composição podem se realizar de três formas, através da:

- a) Justaposição de dois itens lexicais, ou seja, dois sinais que formam uma terceira forma livre como, por exemplo, nos itens lexicais CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO (CAVALO + LISTRA-PELO-CORPO = “zebra”); MULHER^BEIJO-NA-MÃO (MULHER + BEIJO-NA MÃO = “mãe”); CASA^ESTUDAR (CASA + ESTUDAR “escola”). ASSINAR^SEPARAR (ASSINAR + SEPARAR = “divórcio”); COMER^MEIO-DIA (COMER + MEIO-DIA = “almoço”).
- b) Justaposição de um classificador com um item lexical. (...) Nesse processo o classificador não é uma marca de gênero e funciona como um clítico. São exemplos desse processo os sinais: coisa-pequena^PERFURAR “alfinete”; coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO “agulha”; DORMIR^pessoa+ “alojamento”.
- c) Justaposição da datilologia da palavra, em português, com o sinal que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental. Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^A-G-U-L-H-A “agulha”. (FELIPE, 2006, p. 207)

Quanto ao processo de composição, a autora diz que, “nesse tipo de processo de formação de palavras, utilizam-se itens lexicais que são morfemas⁵ livres que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical” (FELIPE, 2006, p. 207). No entanto, os três tipos de processos de composição apontados pela autora são processos de justaposição. Nenhum processo de aglutinação é apontado para dar conta de dados como os discutidos por Figueiredo Silva e Sell (2009) como em (03) acima.

Neste ponto, vale ressaltar que, além dos exemplos apontados em (03), observamos Surdos⁶ que sinalizam, por exemplo, “ESCOLA” com um número de repetições do sinal “ESTUDAR” diferente de quando sinaliza “ESTUDAR” em outros contextos. Ou seja, sinaliza “ESTUDAR” com dois contatos ou toques das mãos, mas no composto “ESCOLA”, sinalizam “CASA^ESTUDAR” e, nesse caso, “ESTUDAR” tem um único contato entre as mãos.

5 A definição que a autora traz para “morfema” será apresentada na seção “Morfologia” deste artigo.

6 Surdos adolescentes ou adultos, estudantes do Ensino Médio, em sua maior parte filhos de pais ouvintes, moradores da zona leste de São Paulo.

Utilizamos “Surdo” com letra maiúscula para nos referirmos ao indivíduo pertencente à comunidade surda, usuário da LIBRAS como principal meio de comunicação.

Se essa sistematicidade for comprovada, e outros exemplos de compostos com esse comportamento forem encontrados, observaríamos que nesses casos o que ocorre parece ser supressão de um fonema, o fonema movimento, repetição do movimento e contato com a outra mão. Assim, esse tipo de caso caracterizar-se-ia como composição por aglutinação.

Ressaltamos que um estudo muito profundo precisa ser feito com o intuito de verificar se esse tipo de composição, de fato, se dá. Esse ponto fica em aberto para pesquisa futura. No entanto, na próxima seção, olharemos para trabalhos sobre os compostos na ASL, que levam a discussão em um sentido que parece prever composições do tipo que acabamos de aventar.

Compostos nas línguas de sinais – análises da ASL

Com o intuito de verificarmos estudos mais antigos e mais detalhados sobre composição nas línguas de sinais, discutimos a seguir dois trabalhos sobre compostos na ASL: Klima e Bellugi (1979) e Lidell (1984).

Klima e Bellugi (1979)

Klima e Bellugi (1979) discutem alguns processos gramaticais em ASL, entre eles, a criação de novos itens lexicais por composição. Eles questionam que, enquanto na língua inglesa oral nomes compostos se diferenciam de frases que contém os mesmos itens pela diferença na entonação, na ASL quais seriam as evidências para identificarmos um composto ou distingui-lo de frases? A resposta para essa questão vai no sentido de procurar propriedades rítmicas na sinalização, ou seja, os autores gravam alguns informantes sinalizando 70 compostos diferentes e, ao assistir em *slow motion*, conseguem depreender o que são características de dois sinais em uma frase e dos dois mesmos sinais em um composto (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 210-221). Com esse teste, puderam observar a duração e redução do movimento do sinal em um composto, por exemplo, ou seja, observaram o ritmo temporal da sinalização. É essa analogia entre as características vísuo-manual da ASL com os padrões entonacionais do inglês oral que eles usam para distinguir compostos da ASL de frases.

Os autores mostram que a redução que ocorre nos morfemas raiz quando eles são combinados para formar compostos acontece por conta de uma ou mais dessas estratégias:

- (8) a. Redução da pausa no seguimento⁷
- b. Redução ou perda do movimento em uma das raízes do sinal
- c. Apagamento da reduplicação do morfema raiz (geralmente a raiz do primeiro sinal)
- d. Redução do movimento de transição entre os dois sinais

(KLIMA; BELLUGI, 1979, *apud* DEL GIUDICE, 2007, p. 10)

Nesse ponto, nos perguntamos o que caracteriza uma raiz em LIBRAS? E um morfema raiz? Voltaremos a essas questões na seção “Morfologia” abaixo.

A seguir, apresentamos a análise de Lidell (1984) para a ASL que vai nesse mesmo sentido. Na seção “Breve olhar sobre alguns dados”, verificaremos se as características

⁷ Tradução nossa.

para os compostos da ASL apresentadas pelos dois autores se fazem presentes nos compostos da LIBRAS.

Lidell (1984)

Lidell (1984) apresenta três regras morfológicas para a criação de compostos na ASL:

- 1 - Regra do contato: Frequentemente um sinal inclui algum tipo de contato, seja no corpo, seja na mão passiva. Em compostos, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. [...] se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais que formam o composto ou em apenas um deles.
- 2 - Regra da seqüência única: Quando compostos são formados na língua de sinais brasileira, o movimento interno ou a repetição do movimento é eliminada [...].
- 3 - Regra da antecipação da mão não-dominante: Quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição [...]. (LIDELL, 1984, apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 103-105)

Para caracterizar a regra em 1, Quadros e Karnopp (2004) apresentam os seguintes exemplos na LIBRAS: “ACREDITAR” (SABER + ESTUDAR) e “ESCOLA” (CASA + ESTUDAR). Para a regra em 2: “PAIS” formado por “PAI” + “MÃE”, no qual a repetição dos movimentos de ambos os sinais é eliminada. E elas exemplificam a regra em 3 com os sinais: “BOA NOITE” (BOA + NOITE), “ACREDITAR” (SABER + ESTUDAR) e “ACIDENTE” (CARRO + BATER). Nesses sinais a mão não-dominante aparece no espaço neutro, em frente ao corpo do sinalizador, antecipando sua configuração de mão que envolve o sinal composto.

Ainda, a LIBRAS “[...] apresenta regras morfológicas e fonológicas na criação de novos sinais, e quando dois sinais aparecem juntos para formar um composto, mudanças predicáveis na estrutura do sinal se manifestam” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 106). Feitas as considerações acima, as questões que se levantam são:

- i) Quais são essas “regras morfológicas e fonológicas na criação de novos sinais” da LIBRAS?
- ii) Quais são exatamente essas “mudanças predicáveis na estrutura do sinal” na formação dos compostos da LIBRAS?
- iii) As três regras morfológicas propostas por Lidell (1984) dão conta de explicar a formação de compostos na LIBRAS ou deve haver outras regras?

A seguir, apresentamos um esboço inicial de análise dos compostos.⁸ Adiantamos que um trabalho mais aprofundado e minucioso deve ser feito em pesquisa futura.

Breve olhar sobre alguns dados

Olhando para os dados de Figueiredo Silva e Sell (2009), em (03) acima, e para os exemplos da LIBRAS apontados no trabalho de Quadros e Karnopp (2004), que vimos na seção “Lidell (1984)” acima, passamos agora para uma possível análise inicial desses dados seguindo as análises de Klima e Bellugi (1979) e Lidell (1984).

⁸ Para teorias que discutem a formação dos compostos e a importância dos movimentos e mudanças dentro dos sinais, veja também Uyechi (1993) e Del Giudice (2007).

Repetimos abaixo os exemplos apresentados em (03):

- (9) a. MAÇÃ^DIVERSO [frutas]
- b. LEÃO^DIVERSO [animais]
- c. ROUPA^DIVERSO [vestuário]

(FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009, p. 19)

Nesses exemplos, as autoras discutem que o sinal usado para classificar o grupo é completamente sinalizado, “maçã”, “leão”, “roupa” e “comida”, junto com o que elas chamam de um “morfema (preso?)” e dizem que deve ser parte do sinal “COISA” (ou COISAS^DIVERSAS). Aqui devemos fazer algumas observações: i) há variantes nas quais o sinal “COISA” é sinalizado completamente nos compostos acima, como observamos com grande frequência em São Paulo capital; ii) observamos também um grande número de Surdos que sinalizam “LEÃO” apenas com uma mão, tanto isoladamente quanto no composto em (11)b, LEÃO^DIVERSO.

Se pensarmos na variante na qual o sinal “COISA” é sinalizado apenas com uma mão, não achamos entre as três regras propostas por Lidell (1984) uma regra que explique esse acontecimento. É possível que tenhamos aí algo como o que Klima e Bellugi (1979) chamam de “redução ou perda do movimento em uma das raízes do sinal”, sendo que, nesse caso, perde-se o movimento, ou mais, a sinalização que é repetida com uma das mãos no sinal “COISA”. A mesma ideia se aplica se pensarmos na variante na qual “LEÃO” é sinalizado apenas com uma mão em comparação com a sinalização com as duas mãos.

Assim, como Figueiredo Silva e Sell (2009) apontaram, nesses casos realmente não há a justaposição de dois sinais independentes. Porém, observamos, acima, que há processos acontecendo nessas formações, processos que talvez possamos chamar de fonológicos, que se observam não só nesses casos da LIBRAS, mas em outras línguas de sinais, conforme a literatura já citada. Ou seja, há uma sistematicidade nessas formações que ainda precisa ser verificada levantando-se mais dados da LIBRAS e aprofundando e detalhando essa pesquisa.

Quanto aos exemplos apontados em Quadros e Karnopp (2004), apresentamos a seguinte análise de alguns deles:

“ACREDITAR” (SABER + ESTUDAR) – apresenta as três regras propostas por Lidell (1984): a primeira, regra do contato, uma vez que mantém o contato do sinal “SABER” na testa e do “ESTUDAR” nas mãos; a segunda regra, pois apenas um contato se mantém, no sinal “ESTUDAR”; e a terceira regra, antecipação da mão dominante, uma vez que a mão que sinalizará “ESTUDAR” já fica no campo de sinalização, no espaço neutro, desde que “SABER” começa a ser sinalizado. Pensando na proposta de Klima e Bellugi (1979), observamos que há a redução do movimento, ou seja, apenas um contato se mantém, no sinal “ESTUDAR”, o que também pôde ser caracterizado pela segunda regra proposta por Lidell (1984).

“ESCOLA” (CASA + ESTUDAR) – em algumas variantes percebemos que o sinal “ESTUDAR” perde uma repetição. Nesse caso, acontece a regra do contato (LIDELL, 1984), uma vez que mantém pelo menos um contato entre as mão nos sinais “CASA” e “ESTUDAR”. Aqui também observamos que há a redução do movimento, ou seja, apenas

um contato, no sinal “ESTUDAR”, o que se caracteriza pelas propostas de Klima e Bellugi (1979) e pela segunda regra proposta por Lidell (1984).

“BOA NOITE” (BOA + NOITE) – nesse sinal a mão não-dominante aparece no espaço neutro, em frente ao corpo do sinalizador, antecipando sua configuração de mão que envolve o sinal composto, ou seja, observamos a terceira regra proposta por Lidell (1984). Além disso, observamos a redução do movimento de transição entre os dois sinais, Klima e Bellugi (1979), ou seja, parece que a sinalização de um sinal já se emenda à sinalização do outro.

Olhando para a análise desses poucos dados, percebemos que apenas uma das duas propostas apresentadas nessa seção individualmente não deve dar conta de caracterizar como se dá a formação de compostos na LIBRAS. Há características delineadas em ambas as propostas que se verificam na LIBRAS. As questões que ficam são: i) uma das propostas apresentadas para a ASL dá conta dos dados da LIBRAS de forma mais abrangente?; ii) há outras propostas de análise dos compostos em línguas de sinais que possam dar conta da formação dos compostos na LIBRAS e em outras línguas de sinais?; e iii) afinal, quais são as características que dão conta de explicar a formação dos compostos da LIBRAS? Essas questões serão discutidas em trabalho futuro.

Morfologia

Nesta seção, apresentamos brevemente o que encontramos sobre morfologia de LIBRAS na literatura,⁹ e verificamos se as explicações encontradas vão nos permitir responder satisfatoriamente a terceira questão colocada neste artigo: 3- O que é um morfema na LIBRAS?

Brito (2010 [1995])

No capítulo 2 desse trabalho, a autora discute sobre morfofonologia e sintaxe da LIBRAS. Logo no início do capítulo, ela diz que:

Como as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação, isto é, unidades significativas ou **morfemas**,¹⁰ constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado ou fonemas (Klima e Bellugi, 1979). Nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais. (BRITO, 2010 [1995], p. 35)

Ela fala, então, sobre os parâmetros da LIBRAS, ou seja, discute a parte concernente à fonologia. Na sequência, ela traz uma seção intitulada “Aspectos Morfológicos”, na qual trata de temas como gênero, número e quantificação, grau, pessoa, tempo e aspecto, passando depois para aspectos sintáticos. Ou seja, alguns aspectos morfológicos são discutidos, mas em nenhum momento explica-se o que é um morfema, um sufixo ou uma raiz.

9 Veja também Leite (2008) e Maurício (2009).

10 Grifo nosso.

Quadros e Karnopp (2004)

No capítulo 3, as autoras abordam o tema “Morfologia das línguas de sinais”. A discussão começa, mais uma vez, pela caracterização da fonologia, conforme já tratado no capítulo 2 daquele livro. Sobre o estudo da morfologia da LIBRAS, elas afirmam que:

A primeira dificuldade ao se tentar descrever e explicar a morfologia da língua de sinais brasileira é o peso da tradição, que dificulta a revisão e a adoção de novas posições. A questão é: realizar um estudo da morfologia a partir da análise da morfologia das línguas orais ou reduzir-se ao estudo da morfologia das línguas de sinais? Ao optar-se pela primeira, pode-se desconsiderar as especificidades das línguas de sinais, quanto à sua modalidade de percepção e produção. Ao optar-se pela segunda, depara-se com uma bibliografia reduzida e limitada, principalmente ao estudo da língua de sinais americana. Além disso, na língua de sinais brasileira, raros são os estudos lingüísticos realizados nesta área. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 84)

Ainda, sobre os processos combinatórios, apontam que:

As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (**morfemas**) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfologicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma **raiz**¹¹ é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização (Klima e Bellugi, 1979). (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87)

Na sequência, as autoras tratam de aspectos lexicais da LIBRAS e processos de formação de palavras como derivação (nome de verbo), composição (mostra uma análise da ASL de Lidell (1984), como visto na seção “Lidell (1984)” deste artigo), incorporação de números e negação, e flexão.

Mais uma vez, observamos que se trata de outro trabalho que fala de processos morfológicos, mas que deixa no ar o que exatamente é um morfema, um sufixo, ou uma raiz na LIBRAS.

Felipe (2006) – morfologia

Logo no resumo desse trabalho, a autora já afirma que os parâmetros da LIBRAS, considerados como fonemas na literatura, também podem ser morfemas ou afixos:

[...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (FELIPE, 2006, p. 200)

11 Grifos nossos.

Felipe (2006) considera os cinco parâmetros da LIBRAS como morfemas que, combinados, formam os itens lexicais da língua. Assumindo seu trabalho de 1998,¹² a autora aponta que esses morfemas podem ser: i) uma raiz ou radical, referindo-se ao parâmetro movimento; ii) um afixo, no caso de alterações entre movimento e configurações de mão; ou iii) uma desinência, direcionalidade, no caso de concordância número pessoal, ou configuração de mão, no caso de gênero.

Ela continua a argumentação discutindo processos de modificação à raiz: i) Modificações por adição à raiz – negação; e ii) Modificação Interna da Raiz – flexão para pessoa do discurso, para aspecto verbal, para gênero, incorporação do numeral e do muito. Discute também o processo de derivação zero, para caso de denominais, e de composição, como já mostramos na seção “Felipe (2006) – processos de composição” deste artigo.

Embora esse tenha sido o trabalho com mais avanços teóricos sobre a morfologia da LIBRAS que encontramos, algumas questões ainda nos incomodam:

- i) Se movimento é raiz, o que dizer de sinais que são formados puramente por expressões faciais, como “LADRÃO” ou “RELAÇÃO-SEXUAL”, como exemplificado no próprio trabalho de Felipe (2006)?
- ii) A expressão facial seria a raiz nesse caso?
- iii) Se sim, há outros casos nos quais é algum outro parâmetro ou outros parâmetros que caracterizam a raiz?
- iv) Se não, seria a raiz o movimento da língua que participa da formação da expressão facial desses sinais?

Considerações e instigações

Sem nenhuma pretensão de chegarmos a qualquer verdade absoluta ou análise definitiva para a LIBRAS, conseguimos pontuar aqui algumas questões que ainda devem ser estudadas a fundo, através de um trabalho minucioso de coleta e análise de dados, e investigação da literatura já existente em LIBRAS e em ASL, como exemplo de uma língua de sinais estudada há mais tempo. Conseguimos também mostrar alguns caminhos possíveis para solucionar algumas dessas questões.

Três questões mais pontuais foram colocadas no início do trabalho, questões essas que pudemos responder parcialmente dado o andamento da pesquisa. Outras questões de caráter não menos importante foram colocadas ao longo do trabalho, questões essas que ainda carecem de literatura, estudos aprofundados, considerando-se a LIBRAS.

A questão 1 (Quais tipos de compostos a LIBRAS admite?) foi respondida na seção “Compostos na LIBRAS” com base no trabalho de Figueiredo Silva e Sell (2009). Vimos que há diferentes tipos de compostos, que as autoras dividem em compostos “verdadeiros” e compostos “aparentes”. Na seção “Breve olhar sobre alguns dados”, onde apresentamos uma breve análise dos dados, consideramos ambos. Em um primeiro momento os primeiros parecem se explicar como os casos de justaposição e os últimos como casos de aglutinação, em paralelo às línguas orais e conforme Felipe (2006), para

12 Até o término deste artigo, não tivemos acesso aos exemplares de Felipe (1998) para acompanharmos toda a argumentação.

os casos de justaposição na LIBRAS. Porém, considerando-se a literatura da ASL, Klima e Bellugi (1979) e Lidell (1984), mostramos que todos os sinais analisados apresentam as características apontadas para caracterizar os compostos nas línguas de sinais. Assim, respondemos também, parcialmente, à questão em 2 (Como se dá a formação dos compostos na LIBRAS?).

Ressaltamos que um levantamento dos compostos em uso pela comunidade Surda brasileira, em suas diversas variantes, ainda precisa ser feito. Além disso, lembramos que nossa análise na seção “Breve olhar sobre alguns dados” apontou um caminho para pesquisa, que ainda precisa ser verificado com mais detalhes e expandido para dar conta do fenômeno da composição na LIBRAS.

Quanto à questão 3 (O que é um morfema na LIBRAS?), mostramos que a Morfologia da LIBRAS é uma área ainda muito pouco explorada e alguns (dos poucos) trabalhos sobre o assunto apresentam um tratamento vago em relação à questão colocada em 2, de forma a discutir os processos de formação de palavras, mas não a natureza dos morfemas, raízes, etc. Discutimos brevemente o trabalho de Felipe (2006), inovador para o estudo da morfologia da LIBRAS, porém mostramos que algumas questões, já apontadas na seção “Morfologia”, ainda nos incomodam naquela análise e ficam para pesquisa futura.

Até aqui este trabalho mostrou que a literatura disponível sobre compostos e morfologia na LIBRAS ainda não dá conta de explicar os fenômenos da língua e carece de mais pesquisa. As questões colocadas são muitas e muito interessantes para o desenvolvimento linguístico da LIBRAS e das línguas naturais, de forma mais geral. Algumas dessas questões serão abordadas em trabalho futuro, mas são tantas as questões que, de qualquer forma, as deixamos em aberto como provocação para quem se interessar em engajar-se nos estudos sobre Morfologia de LIBRAS.

REFERÊNCIAS

BASILIO, M. M. P. Em torno da palavra como unidade lexical: composição. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2010. [1995].

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira – Libras*. v. I e II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

DEL GIUDICE, A. A constraint-based analysis of compound formation in the sign modality. 2007. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~delgiudice/DelGiudice-ASLcompounds.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na LIBRAS. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

_____. *A relação sintático-semântica dos verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. v. I e II.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS*. PPT apresentado na USP e artigo disponibilizado por e-mail, 2009.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LEE, S.-H. Sobre os Compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, 1997.

LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIDELL, S. K. *THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language*. *Language*, v. 60, n. 2, p. 372-399, 1984.

LIDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 4, n. 8, p. 445-513, 1986.

MAURÍCIO, A. C. L. *Morfemas metafóricos na LIBRAS: análise da estrutura morfêmica de 1577 sinais em 34 morfemas moleculares e 14 classes de morfemas molares*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.). *Bilinguismo e surdez*. Questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

MINUSSI, R. D. Os nomes compostos no português brasileiro: uma análise morfossintática. *Colóquio de Morfologia*. 2011. Disponível em: <<http://coloquiodemorfologia.files.wordpress.com/2011/05/minussi.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

_____. Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 259-271, jan./abr. 2009.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers 8*. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

JOURNAL OF DEAF STUDIES AND DEAF EDUCATION. Oxford: Oxford University Press, v. 10, n. 1, 2005.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American sign language. In: SIPLÉ, P. (Ed.). *Understanding language through sign language research*. New York, Academic Press, 1978.

UYECHI, L. Merging in American Sign Language compounds. In: DUNCAN, E.; FARKAS, D.; SPAELTI, P. *The Proceedings of the Twelfth West Coast Conference on Formal Linguistics*. 1993. p. 167-182.

XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)*. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.